



CONTATO LINGUÍSTICO PORTUGUÊS BRASILEIRO - TALIAN EM SANTA FELICIDADE (CURITIBA) E COLOMBO, PARANÁ

BRAZILIAN PORTUGUESE - TALIAN LINGUISTIC CONTACT IN SANTA FELICIDADE (CURITIBA) AND COLOMBO, PARANÁ

Loremi Loregian-Penkal (UNICENTRO)¹
llpenkal@unicentro.br

Luciana Lanhi Balthazar (UFPR)²
lucianallbb@ufpr.br

RESUMO: O contato linguístico do Português Brasileiro com o Talian, Língua de Referência Cultural Brasileira (IPHAN/MinC, 2014), no planalto curitibano (Santa Felicidade, bairro de Curitiba, e Colombo-PR), é ainda inexplorado sociolinguisticamente. Entrevistas sociolinguísticas, faladas em Talian, realizadas a partir de 2018 pelo Centro de Estudos Vênetos no Paraná, CEVEP, servem de amostra à análise aqui apresentada, cujo principal objetivo é descrever e analisar parte desse contato entre essas duas línguas, mostrando que tal fenômeno é algo normal entre as línguas vivas e que coexistem em um mesmo território. O aporte teórico advém da Teoria da Variação e Mudança (cf. Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]); de Conde Silvestre (2007); de Weinreich (1953), além de nos pautarmos em estudos realizados no Brasil, especialmente os de Couto (2011); Margotti e Altenhoffen (2011); Frosi e Raso (2011); Ortale (2016), entre outros. Os resultados apontam que, de modo geral, os falantes das duas localidades analisadas apresentam em suas falas em Talian forte interferência do Português Brasileiro, e se evidencia em todos os níveis de análise, notadamente no lexical, mas há também interferências, em menor escala, nos níveis fonético/fonológico, morfossintático e discursivo.

PALAVRAS-CHAVE: Contato linguístico; Talian; Português Brasileiro; CEVEP.

RIASSUNTO: Il contatto linguistico del portoghese brasiliano con il Talian, lingua di Riferimento Culturale Brasiliana (IPHAN/MinC, 2014), nell'altopiano di Curitiba (Santa Felicidade, quartiere di Curitiba e Colombo-PR), è ancora sociolinguisticamente inesplorato. Le interviste sociolinguistiche, in Talian, condotte dal 2018 dal Centro de Estudos Vênetos no Paraná, CEVEP, servono da campione dell'analisi qui presentata, il cui obiettivo principale è descrivere ed analizzare parte del contatto tra queste due lingue, dimostrando così che tale fenomeno è del tutto normale tra lingue vive che convivono nello stesso territorio. Il contributo teorico proviene dalla Teoria della Variazione e del Cambiamento (cfr. Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]) di Conde Silvestre (2007), di Weireich (1953), nonché da studi effettuati in Brasile, in particolare quelli di Couto (2011), Margotti e Altenhoffen (2011), Frosi e Raso (2011), e Ortale (2016), tra altri. I risultati mostrano che, in generale, i parlanti delle due località analizzate presentano nei loro discorsi in Talian una forte interferenza del portoghese brasiliano, che è evidente a tutti i livelli di analisi, in particolare nel lessico; su scala minore, ci sono anche interferenze a livello fonetico/fonologico, morfossintattico e discorsivo.

PAROLE CHIAVE: Contatto linguistico; Talian; Portoghese Brasiliano; CEVEP.

¹ Doutora em Letras (Linguística), com estágio de pós-doutorado em Sociolinguística (UFPR/PDS-CNPq 2012) e em Contato Linguístico (UFSC, 2019/2020). Docente da graduação e do *stricto sensu* na UNICENTRO. Líder do CEVEP.

² Doutora em Letras (UFPR 2016). Docente da graduação na UFPR. Membro do CEVEP.



Palavras iniciais

Vamos abordar, neste artigo, a temática do contato linguístico e das interferências do Português Brasileiro (PB) no Talian³ falado em Santa Felicidade (bairro de Curitiba) e em Colombo, ambas cidades do Paraná. Nessas duas comunidades, o Talian é bastante utilizado nos dias atuais e as análises (socio)linguísticas são, ainda, inexistentes. Trata-se, portanto, de uma análise necessária e inédita nas comunidades em tela.

O Talian é língua constituída no Brasil, nasce da necessidade de comunicação entre os imigrantes italianos que aqui chegaram falando diversas línguas do norte da Itália.

No Paraná, Loregian-Penkal e Stival (no prelo), apontam que as colônias dos municípios de Colombo, e do bairro de Santa Felicidade, em Curitiba, foram constituídas por imigrantes provenientes, em sua maioria, da região do Vêneto, em especial das províncias de Treviso e de Vicenza. Estes pesquisadores reiteram ainda que

Considerando, portanto, a origem dos imigrantes, o glossário de Balhana e os estudos em andamento pelo Centro de Estudos Vênetos no Paraná⁴, entendemos que na Região de Colonização Italiana do Paraná, o Talian falado se trata de uma coine de base vêneta, especialmente do vicentino e trevisano em contato entre si e com o português do Brasil, com características próprias, derivadas do contexto brasileiro, que a diferem da matriz original (LOREGIAN-PENKAL e STIVAL, no prelo).

Portanto, como afirmam os membros do CEVEP e pesquisadores do Talian no Paraná, a base desta língua em Santa Felicidade (Curitiba) e em Colombo é vicentina e

³ Por uma questão de dar destaque às línguas, grafamos seus nomes, de forma intencional, sempre com a inicial maiúscula.

⁴ Criado em 2018, o CEVEP agrega pesquisadores de universidades paranaenses (UNICENTRO; UFPR; PUC-PR; UP), membros de associações ligadas à promoção cultural (IPHAN; *Veneti nel Mondo*; *Associazione Padre Alberto Casavecchia*; Museu Municipal Cristòforo Colombo) e detentores do Talian das comunidades pesquisadas. O grupo atua na identificação, valorização e promoção do patrimônio cultural taliano de natureza imaterial e material, presente na língua, na memória, na história, nos ofícios tradicionais, nos saberes, na arquitetura e na paisagem das áreas de imigração. Maiores detalhes, vide: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/345590>. Acesso em 02/10/2020.



trevisana. É a partir do contato linguístico entre estas línguas provenientes da Itália, o PB e outras línguas faladas no PR que nasce o Talian do planalto curitibano. Segundo Balthazar e Perin Santos (no prelo):

É uma língua predominantemente oral e falada sobretudo em regiões com presença de descendentes de italianos. Como qualquer outra língua, o Talian sofre variações. Portanto, é natural que o Talian falado no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Espírito Santo ou em qualquer outro lugar do Brasil apresente diferenças.

As variações apontadas pelas autoras, também membros do CEVEP e estudiosas do Talian, dizem respeito às variações linguísticas do Talian, ou seja, quando temos duas ou mais maneiras para dizer a mesma coisa, com termos ou variantes que sejam intercambiáveis, e que mantenham o mesmo significado representacional (cf. TARALLO, 1985; COELHO et al. 2019). É importante ressaltar o conceito de variação linguística neste contexto porque ainda existe nas comunidades pesquisadas, bem como no cenário nacional Talian, preconceitos linguísticos relacionados ao desconhecimento das variações linguísticas. Compreender e aceitar que é possível conviver harmonicamente com as variantes do Talian ainda parece ser um desafio sociolinguístico para as comunidades talianas⁵.

Outra informação relevante para a compreensão desta língua é que, em 2014, recebeu o título de Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, e pelo Ministério da Cultura, Minc. É uma das autodenominações para a língua de imigração/língua de herança⁶ falada no Brasil por descendentes de italianos.

É portanto, dessa língua denominada Talian que o presente artigo analisará o contato linguístico com o PB, objetivo principal desta pesquisa.

⁵ O termo “comunidade taliana” será utilizado para designar comunidades nas quais o Talian é falado.

⁶ Abordaremos este conceito na seção 3 deste texto.



Os dados analisados são provenientes do CEVEP, que contém o Banco de Dados do Talian, composto de entrevistas sociolinguísticas com detentores da língua. Tais entrevistas foram realizadas pela equipe deste projeto a partir de 2018 e, tanto o entrevistador quanto o entrevistado, falam em Talian. Nosso recorte contemplou 4 informantes⁷ por localidade, já citadas acima e detalhadas na próxima seção deste texto, dois homens e duas mulheres em cada localidade, com idades assim especificadas: quatro informantes de 60 a 70 anos e quatro informantes de 85 anos ou mais. Para esta análise, devido à extensão dos fenômenos analisados, selecionamos os primeiros 15 min. de cada entrevista para levantarmos os dados.

A escolha de informantes dessas faixas etárias deve-se ao fato de que são pessoas que provavelmente tiveram pouco ou nenhum contato com o italiano *standard* e a ficha social denota que tiveram um contato mais efetivo com o Talian.

A análise dos dados segue os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) cujos pressupostos básicos principais nos apontam que: (i) a variação é inerente ao sistema linguístico; (ii) a heterogeneidade é estruturada; (iii) a mudança linguística é lenta e gradual; (iv) variáveis linguísticas e sociais possuem forte correlação entre si e exercem grande influência na variação e na mudança; (v) métodos quantitativos auxiliam na análise da variação e da mudança linguística.

No que se refere ao contato linguístico, nossa análise adota o conceito de **interferência**, cunhado por Weinreich (1953), no sentido de que o detentor usa alternadamente as duas línguas e quando há sistemas linguísticos em contato as interferências podem ocorrer em todos os níveis linguísticos, ou seja, do fonético-fonológico ao discursivo. Partilhamos também do entendimento de Weinreich de que quanto mais diferenças houver entre os dois sistemas das línguas em contato, maior a

⁷ Neste texto, vamos apresentar os dados por informante, que contemplam a seguinte identificação: Informante 1 (Masculino; 62 anos, Colombo); Informante 2 (Masculino, 90 anos, Colombo); Informante 03 (Feminino, 69 anos, Colombo); Informante 04 (Feminino, 96 anos, Colombo); Informante 05 (Masculino, 70 anos, Santa Felicidade); Informante 06 (Masculino, 85 anos, Santa Felicidade); Informante 07 (Feminino, 62 anos, Santa Felicidade) e Informante 8 (Feminino, 91 anos, Santa Felicidade).



probabilidade de interferência. Já quando a diferença entre os sistemas é menor, a tendência de haver interferências também é menor ou estas se concentram no nível lexical (cf. CONFORTIN, 1998; GUBERT, 2015).

Para compreender melhor a análise do contato linguístico do PB no Talian, é necessário entender também a história da formação desta língua nas duas localidades e a relação que os falantes têm com ela. É este o tema da próxima seção.

1. História⁸ e língua das comunidades talianas de Santa Felicidade (bairro de Curitiba) e Colombo, Paraná

A imigração italiana no Paraná teve início oficialmente por volta de 1875, com a instalação da colônia Alexandra, perto do porto de Paranaguá. Entretanto, provavelmente em virtude do clima e da má administração⁹, tal colônia não prosperou. Diante das dificuldades apresentadas, estes imigrantes italianos procuraram outras terras, dirigiram-se então para os arredores de Morretes e de Paranaguá, para, em seguida, chegarem ao planalto curitibano. No auge da imigração italiana para o Paraná (1875-1878), a maior parte dos imigrantes se estabeleceu já no planalto curitibano e em um raio de 30 Km de Curitiba (BALHANA, 1958, p. 29-35).

Este é o contexto no qual se dá, em 1878, a fundação do bairro de Santa Felicidade, em Curitiba, e da antiga colônia Alfredo Chaves, atual município de Colombo. Vale ressaltar, neste momento, embora já afirmado, que tanto em Santa Felicidade quanto em Colombo, lugares de onde são provenientes os informantes desta pesquisa, a maior parte dos imigrantes, 90%, era da região do Vêneto, na Itália.

⁸ Esta seção apresenta um panorama histórico da imigração no PR para poder situar o Talian desde a época da formação das colônias até os dias atuais. Para tanto, alguns fatos históricos foram selecionados de acordo com a relevância, segundo as autoras, para que se possa ter algum indício de manutenção ou substituição do Talian pelo PB em Santa Felicidade e Colombo.

⁹ Estudos mais recentes que o de Balhana (1958) apontam que o motivo principal da falência da Colônia Alexandra foram os desentendimentos por conta de repasses do governo para Savino Tripotti, administrador da colônia. Para mais detalhes, ver: CAVANHA (2012).



Em relação à língua falada, Balhana (1958, p. 47) afirma que “os habitantes de Santa Felicidade, sobretudo os da zona rural, são na sua quase totalidade bilíngues, falam o português e o dialeto vêneto¹⁰”.

Colombo, por sua vez, demonstra pela história da sua formação “um núcleo colonial independente e de certa forma isolado, (...) um grupo étnico cultural bem homogêneo” (MACHIOSKI, 2013 p. 44-45). Ainda segundo o historiador Fábio Machioski, membro do CEVEP e estudioso do Talian no Paraná, os imigrantes fundadores de Colombo teriam rejeitado terras com a presença de imigrantes tirolezes que falavam outra língua e mantinham outros hábitos culturais. Tais informações nos fazem acreditar que também os habitantes de Colombo eram bilíngues, falavam português e Talian.

A língua falada em Santa Felicidade (Curitiba) e em Colombo era conservada majoritariamente através da tradição oral, em Santa Felicidade, segundo Balhana, (1958, p. 47) “apenas duas ou três famílias possuem livros escritos em dialeto vêneto”.

Outros fatos históricos descritos por Balhana (1958) ajudam a perceber que o Talian era a língua utilizada não somente no meio familiar, mas também em diversas práticas sociais como festas, jogos (cartas, bôcia e mora), saída da igreja, entre outras situações.

Fatos históricos relacionados à religiosidade, elemento importantíssimo na identificação cultural dos imigrantes de Santa Felicidade e Colombo, também auxiliam a perceber a estreita relação dos imigrantes italianos dessas duas localidades e sua língua.

Em 1886, segundo Machioski (2013), o padre vêneto Pietro Colbacchini chega da Itália e começa a prestar assistência religiosa aos imigrantes dessa região. Segundo os historiadores, o fato de Colbacchini poder se comunicar com os imigrantes na mesma língua foi um diferencial relevante para as comunidades talianas. Segundo Machioski (2013, p. 71), “também nas missas os padres cultivavam o uso da língua italiana em suas

¹⁰ Nos documentos pesquisados para a elaboração desta seção, os historiadores utilizam dialeto vêneto, vêneto, dialeto ou língua italiana para designarem o que chamaremos, neste artigo, conforme já descrito na seção Palavras iniciais, de língua Talian.



pregações”. Ainda segundo o autor, também as orações ensinadas as crianças eram em “italiano” (p.71).

Algumas tradições descritas pela historiadora Altiva Balhana, e confirmadas pelos informantes desta pesquisa, como os casamentos realizados preferencialmente entre pessoas com descendência italiana, talvez tenha sido uma das principais causas da manutenção do Talian nas regiões pesquisadas.

Entretanto, diversos fatores econômicos e sociais também contribuíram para que os habitantes de Colombo e Santa Felicidade deixassem de ser, em sua maioria, bilíngues. Dentre eles, nos limitaremos a citar a Campanha de Nacionalização no período do Estado Novo que certamente contribuiu com essa mudança. Segundo Maschio (2005), em Colombo, a língua foi um dos aspectos culturais mais reprimidos entre os imigrantes nesse período. De fato, entre 1937 e 1945 as ações na política nacional brasileira promoveram efeitos contrários à manutenção do bilinguismo não só em Colombo e Santa Felicidade, mas, como se sabe, em todo o Brasil. Segundo Gabardo e Lopes (2013, p. 186), o “trauma” linguístico provoca sequelas até hoje em Colombo.

Assim como aconteceu em diversas cidades colonizadas por imigrantes italianos no RS e em SC, as comemorações do centenário da imigração italiana em Colombo e em Santa Felicidade, na década de 70, promoveram ações de ressignificação cultural com inaugurações de monumentos, jantares comemorativos, mas pouquíssimas (ou nenhuma) ações relacionadas à língua.

O ensino de Talian, por exemplo, acontece somente a partir dos anos 2000, em Colombo, na Associação Italiana Padre Alberto Casavecchia, no Museu Municipal Cristóforo Colombo. Além disso, Diego Gabardo e Fábio Luiz Machioski começaram a realizar entrevistas¹¹ com a comunidade em Talian. Outros dois acontecimentos relevantes em relação à língua em Colombo são os filós, organizados para que a comunidade se encontre e converse em Talian e a missa realizada na Semana Italiana da cidade, rezada toda em Talian (GABARDO e LOPES, 2013). Em Santa Felicidade até

¹¹ As entrevistas realizadas por Diego Gabardo e Fábio Machioski em 2005 e 2006 não fazem parte do acervo do CEVEP.



hoje as aulas concentram-se somente no ensino de italiano *standard*, sem nenhuma iniciativa direcionada especificamente ao ensino de Talian, promovidas por um professor da própria comunidade. Na atualidade, não existem missas nem filós realizados em Talian em Santa Felicidade regularmente, mas, há pouco tempo, já aconteceram e eram organizadas pelo *Circolo Vicentini nel Mondo*.

Com a fundação do CEVEP em 2018, diversas atividades têm sido promovidas com a intenção de salvaguardar o Talian: encontros com as comunidades para que se fale a língua; congressos; palestras, montagem do Banco de Dados do Talian, contendo entrevistas sociolinguísticas com os falantes; produção de material didático; organização de um dicionário com palavras do Talian do PR; montagem de acervo de documentos históricos dos imigrantes italianos, dentre outras. Com a chegada da pandemia do Covid 19 em 2020, o CEVEP continuou em contato com a comunidade taliana do PR, mas teve de migrar para o meio digital. Criou-se, então, e se passou a produzir conteúdo semanal com vídeos e posts voltados à divulgação da língua e da cultura taliana, a página no Facebook: Talian - Língua e cultura¹² que atualmente conta com quase 1700 seguidores. Há também a página no Instagram¹³ e o canal no Youtube¹⁴. Além das plataformas, a equipe do CEVEP mantém contato constante em grupo no whats, intitulado: Comunidade Talian-Paraná.

2. Base teórica

De acordo com Conde Silvestre (2007), nos últimos tempos, o contato linguístico é um dos âmbitos de investigação da sociolinguística mais frutíferos, tanto na vertente sincrônica quanto na vertente diacrônica das línguas. O sociolinguista aponta ainda que, em relação aos dados diacrônicos, as dificuldades costumam ser maiores, uma vez que muito material sobreviveu ao tempo por acaso e conseguir contemplar certas variáveis sociais neste tipo de estudo se torna um grande desafio.

¹² <https://www.facebook.com/talianlenguaecultura>

¹³ @talian.lengua.cultura

¹⁴ <https://www.youtube.com/TalianLenguaeCultura>



Do ponto de vista sincrônico, foco de nossa análise, as dificuldades normalmente são menos evidentes, haja vista que dispomos de entrevistas sociolinguísticas, de boa qualidade sonora, que podem nos dar o subsídio de que necessitamos.

O contato linguístico sempre foi algo frequente, dadas as relações de dominação/colonização de um povo sobre o outro; devido às relações comerciais e/ou por outras razões econômicas que acabam colocando povos e línguas em contato. Couto (2011, p. 370 e 373) aponta que “o que entra em contato diretamente não são línguas, mas os povos ou representantes deles. [...] línguas entram em contato quando um povo, ou parte dele se desloca para o território de outro povo”. O autor afirma ainda que,

como Weinreich (1953) já havia ressaltado, línguas entram em contato só na mente dos falantes. Portanto, para se falar em contato de línguas, é necessário levar em conta tanto fatores internos quanto externos, talvez mais os segundos do que os primeiros. É preciso considerar a língua no contexto em que está inserida, ou seja, a língua em seu meio ambiente (COUTO, 2011, p. 370).

A situação linguística no Brasil, após a chegada do homem branco, é toda marcada por contatos linguísticos. No entanto, a questão que se coloca é até que ponto a língua é de fato considerada em seu contexto de inserção. De acordo com Raso, Mello e Altenhofen,

Ao longo dos mais de cinco séculos depois do descobrimento, no território brasileiro conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, européias, africanas e asiáticas. Se a língua-teto (ou seja, a língua sociolinguisticamente supraordenada e de referência) foi o português, essa língua conviveu e ainda convive em lugares e domínios do repertório com muitas outras; e o próprio português do Brasil mudou em grande parte pela influência de línguas diferentes, pertencentes a famílias muito distantes: a família indo-europeia, além dos pequenos números de falantes de outras línguas que se fizeram presentes no Brasil desde as primeiras décadas depois do descobrimento, forneceu, a partir de metade do século XIX, milhões de imigrantes, principalmente falantes de alemão (grupo germânico), polonês (grupo eslavo), italiano e espanhol (grupo latino), além das novas ondas de imigrantes portugueses (RASO, MELLO e ALTENHOFEN, 2011, p. 13).



Nota-se, portanto, que o contato linguístico está presente em todas as línguas, mesmo nas oficiais e não minoritárias, basta constatar o que afirmam os autores na citação acima que o próprio Português do Brasil incorporou variações de outras línguas e mudou, com o tempo, em virtude de influências recebidas de línguas diversas. Isto porque há interinfluências constantes em jogo nas línguas que estão em contato. Ou seja, podem ocorrer interferências de uma língua em outra nas duas (ou mais) línguas que entram em contato.

No tocante às línguas de imigração, Altenhofen e Margotti (2011) trazem, inicialmente, a discussão a respeito do que seja uma língua de imigração no contexto brasileiro. Estes pesquisadores destacam que,

Visto de uma perspectiva político-linguística, podemos encontrar pontos que dizem respeito ao *status* e ao *corpus* dessas línguas. Uma prerrogativa ligada ao status de qualquer língua de imigração é sua condição de “língua diferente que veio de fora”, por isso também denomina-se língua alóctone. Muitas vezes, a matriz de origem situa-se tão distante que dificulta um recontato, apesar das novas tecnologias das quais se servem os novos imigrantes da era da globalização, que, além disso, costumam ser mais urbanos e citadinos. (...) Apesar de seu enraizamento nesse novo meio, as línguas de imigração são comumente vistas como um corpo estranho e diferente, o qual contrasta com a língua oficial. (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011, p. 289).

Ainda de acordo com Altenhofen e Margotti (2011, p. 290), as “línguas de imigração podem ser definidas como 1) originárias de fora do país (alóctones) que, no novo meio, 2) compartilham o *status* de língua de minoria”. Os autores destacam ainda que estas línguas são distintas das línguas indígenas, que são alóctones, e das línguas de sinais. Diferem também da Língua Portuguesa, haja vista que esta tem o status de oficial e, portanto, é majoritária e não marginal; e esclarecem que é ainda dúbia a distinção das línguas “afro-brasileiras... já que também vieram de fora e carregam a condição de língua minoritária” (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011, p. 290).

Embora não desconsideremos o conceito de línguas de imigração, julgamos mais adequado, no caso do Talian no PR por nós estudada, a adoção do conceito de língua de



herança. Assim, após estudos e discussões de diversos autores que abordaram o tema, adotamos no CEVEP a seguinte definição:

Língua de herança é a língua com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua (ORTALE, 2016, p. 27).

Conforme apontamos, a questão de o Talian ser considerado uma língua de herança nas comunidades pesquisadas foi uma temática bastante discutida pelo CEVEP que, após ouvir alguns falantes/detentores da língua, passou a adotar esta denominação por considerá-la a mais inclusiva de todas, uma vez que não há necessidade de se ter laços ancestrais com a etnia italiana para se fazer parte da comunidade de detentores e de difusores do Talian.

Assim, a língua de herança Talian, cujos falantes sempre estiveram em contato direto e prolongado com falantes do Português Brasileiro, língua majoritária e oficial do Brasil, certamente irá apresentar uma série de interferências em sua estrutura. A fala em PB desses detentores bilíngues também carrega uma série de interferências do Talian¹⁵, contudo, este não será alvo de análise neste artigo.

Em busca, então, de heterogeneidade sistemática nos dados de detentores do Talian, partimos à seleção de entrevistas nas duas comunidades analisadas. Isto posto, na próxima seção vamos abordar a análise dos dados, pautados nos autores e pressupostos acima elencados.

3. Contato linguístico Português Brasileiro/Talian no Planalto Curitibano: análise dos dados

A presença de etnias diversas, em especial da italiana, se faz notar de forma bastante evidente no planalto curitibano. Apesar de as duas comunidades aqui estudadas,

¹⁵ Ver Margotti (2004); Gubert (2012); Barauce e Loregian-Penkall (2020), entre outros.



Santa Felicidade (bairro de Curitiba) e Colombo, serem bastante próximas geograficamente (23 km¹⁶), nota-se diferenças nos falares das duas comunidades. A nível fonológico, uma característica bastante recorrente e marcada em Colombo, por exemplo, é a supressão do /l/, exemplo: polenta/poenta; late/ate. Mas ocorre também, em alguns casos, a inserção da vogal e, como ocorre em Colombo/Coeombo. Em Santa Felicidade, por sua vez, tal supressão do /l/ raramente ocorre.

Há, contudo, uma série de semelhanças nos falares das duas comunidades, sobretudo porque ambas mantêm contato com o PB. Este será o foco de nossa análise aqui, buscando averiguar algumas interferências do Português Brasileiro na fala em Talian dos detentores analisados. Vamos nos concentrar por níveis de análise linguística, procurando contemplar (i) o nível fonético-fonológico; (ii) o morfossintático, (iii) o semântico-lexical e (iv) discurso (marcadores discursivos).

O recorte em níveis linguísticos se fundamenta na visão da Sociolinguística de que fatores internos à própria língua e fatores externos a ela, correlacionados entre si, são decisivos para que as línguas se renovem constantemente, via processos de variação e de mudança linguística que são trazidos às línguas pelos seus detentores. Dessa forma, e reforçando o que já foi posto na seção anterior em relação à relevância dos fatores externos nesse processo (sem deixar de lado os condicionamentos internos), destacamos que

A extensão, a direção e a natureza da **interferência de uma língua sobre outra** podem ser explicadas ainda mais amplamente em termos do comportamento de fala de indivíduos bilíngües, o qual por sua vez é condicionado por relações sociais na comunidade em que ele vive (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 [2006] p. 96, grifos nossos).

Logo, o comportamento de fala do indivíduo é que precisa ser investigado para que se possa ter a dimensão do quanto de interferência uma língua exerce sobre a outra, no caso específico do Português Brasileiro no Talian, quando em situação de contato. Sob essa visão, é possível que se analise a interferência em uma situação de contato

¹⁶ Fonte: <https://www.adistanciaentre.com/br/distancia-entre-santa-felicidade-e-colombo-pr-brasil/DistanciaHistoria/125867.aspx>. Acesso em 14/10/2020.



linguístico, sobretudo, se forem considerados os fatores extralinguísticos e as relações sociais na comunidade em que o detentor vive, isto é, é importante que a análise se pautem em dados reais de fala. Dessa forma,

a Sociolinguística assume (...) que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto **de uma ordem micro, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia a dia**, quanto de uma ordem macro, relacionada a uma estratificação social mais ampla (COELHO et al. 2019, p. 22, grifos nossos).

Vamos, dessa forma, apresentar uma análise de ordem micro, pois também acreditamos que, conforme destacamos na citação acima e em consonância com o conceito de língua de herança que adotamos (cf. ORTALE, 2016), o grau de envolvimento, de contato e de identificação de um detentor do Talian com os demais sujeitos com os quais ele se relaciona (talianos ou não que falem o Português Brasileiro) serão decisivos para que ocorra a incorporação de interferências dessa língua nos diversos níveis linguísticos de sua fala em Talian.

Isto posto, iniciamos nossa discussão dos níveis linguísticos pelo primeiro deles, o fonético-fonológico.

i) Nível fonético-fonológico: Este nível de análise é considerado, pelos estudos descritivos da linguagem, juntamente com o morfológico e o sintático, um dos níveis principais da constituição da gramática de uma língua.

No que se refere aos sons típicos do Talian, Altenhoffen e Margotti (2011, p. 299) apresentam alguns traços considerados como característicos dos adstratos alemão e italiano, entre os quais, destacam a) Realização de tepe (ou erre fraco) ao invés do erre forte, ou a hipercorreção: erre forte no lugar do erre fraco. b) Monotongação do ditongo tônico final nasal, ou vice-versa, via hipercorreção e c) Ausência de palatalização das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/.



Em relação às características específicas dos sons do adstrato do Talian, os pesquisadores apresentam as que seguem: a) Realização de fricativas alveolares ou de fricativas pré palatais em lugar das fricativas alveopalatais. Exemplos, *jacaré/zacaré*; *caixa/cassa*. b) Ausência de elevação das vogais átonas finais /e/ e /o/. Exemplos, *presente*; *menino*. c) Realização da vogal nasal /ã/, em sílabas com consoante nasal em coda, de forma mais aberta. Exemplos, *canto*, *tranquilo*, *planta* (pronunciados *cânto*; *tránquilo*, *plánta*).

Nas entrevistas analisadas, encontramos interferências do Português Brasileiro nas pronúncias em Talian. Destacamos os dois pontos que seguem:

1. Pronúncia de /t/ e /d/ antes da vogal /i/ de forma palatalizada. Destacamos que o esperado, neste contexto, seria a pronúncia não palatalizada que, conforme posto acima por Altenhofen e Margotti (2011), é uma das características do Talian que, neste contexto, não apresenta consoantes palatalizadas e sim palatais.

Exemplo 01: *Parlavo soio el taliano nostro (...) zera tuto na atrapalhação **dj**isgranhenta é?* [Falavo só o nosso Talian, era uma atrapalhação **dis**granhenta]¹⁷. (Informante 01).

Exemplo 02: *Atenção, zera **castj**igo e robe *cossita in queo tempo la**. [Atenção, tinha castigo e coisas assim naquele tempo]. (Informante 03).

Nota-se que no exemplo 01 a palavra *disgranhenta* foi produzida com a consoante oclusiva vozeada /d/ de forma palatalizada, daí a produção ali representada como **dji**-. Uma pronúncia palatal ali seria **di**, sem a incorporação do som fricativo **j**, fenômeno bastante recorrente no PB.

No exemplo 02 a informante produz a palavra *castigo* com a pronúncia da sílaba -ti palatalizada, portanto **-tji**. Esta pronúncia também é recorrente no Português Brasileiro

¹⁷ Todas as traduções do Talian para o Português Brasileiro aqui postas foram feitas pelas autoras do texto. Deixamos a tradução entre colchetes. Os exemplos retirados das entrevistas aparecem em itálico.



e não esperada no Talian.

2. Pronúncia de ditongos: em relação à monotongação do ditongo tônico final nasal, ou vice-versa, via hipercorreção, citada por Altenhofen e Margotti (2011), e também com base em estudos efetuados na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, RCI, por Frosi e Moranza (1983), apontam que o ditongo -aw não existe no Talian. Estes últimos autores constataram ainda que tais falantes, embora não produzam o ditongo, mantêm a nasalização, com a pronúncia típica do Talian: -on. Exemplo: macaron; coração, pon, etc.

Ou seja, uma marca que identifica os falantes de Talian é a produção do ditongo nasal final tônico [on]. Sobre a natureza do ditongo, Margotti (2004) esclarece que,

O ditongo [õw] (...) é derivado de diferentes fontes latinas, relacionando-se diacronicamente ora com o paradigma [aN], ora com o paradigma [oN]. As terminações latinas -anu, -ane, -one, e -udine deram, respectivamente, -ão, -ã, -õ(n), por causa da nasalidade comunicada pelo [n] à vogal anterior. Aqui é a síncope do [n] intervocálico que explica as formas do português. Os nomes provindos do acusativo latino deram as formas esperadas: manus > mão, canem > cão, leonem > leão, multitudinem > multidão. Como se pode observar, as terminações -ã e -õ(n) foram absorvidas pela primeira. O singular dos vocábulos terminados em [ão] neutraliza três estruturas radicais distintas (MARGOTTI, 2004, p. 141).

Nas entrevistas analisadas, encontramos várias ocorrências da pronúncia -on acima citada. No entanto, encontramos também exemplos de interferências do Português Brasileiro, como as que seguem:

Exemplo 03: *In drio li di quel casarãõ*. [Atrás daquele casarãõ]. (Informante 05).

Exemplo 04: *I ga fat na jãnta, un risoto e galina e um bailinho la tel paiolãõ*. [Eles fizeram para a janta um risoto de galinha e um bailinho lá no paiolzão]. (Informante 08).



Exemplo 05: *Gente não, não.* (Informante 03).

Exemplo 06: *A iera intérprete de Requião.* [Ela era intérprete do Requião]. (Informante 07).

Exemplo 07: *Meteva la roba em cima e le freguese vinha, allora è vegnesto una freguesa buonoreta e ga deto: [...] me tiri via el agrião.* [Colocava as coisas em cima e vinham as freguesas. [Então chegou uma freguesa cedinho e disse: (...) pode tirar o agrião]. (Informante 06).

Como se constata nos exemplos 03 a 07, a pronúncia do ditongo [õw] se faz presente nas falas dos informantes analisados. Logo, a constatação de Margotti (2004) abaixo especificada, parece não se aplicar aos falantes analisados. De acordo com este pesquisador,

O falante que tem como língua materna um dialeto italiano nunca ouve em seu sistema de sons original, a sequência [aw] e, sobretudo, nunca ouve esse ditongo nasalizado [ãw]. Em razão disso, tem dificuldades de distinguir [ãw] de [õ] na língua portuguesa (MARGOTTI, 2004, p. 145).

Como se pode constatar nos exemplos dos informantes acima citados, nas duas pronúncias aqui analisadas e consideradas típicas dos falantes de Talian, a não palatalização de /t/ e /d/ antes de /i/ e a não produção do ditongo -aw, nota-se que o contato do Português Brasileiro está bastante presente no Talian do planalto curitibano, pois encontramos a pronúncia palatalizada e a presença do ditongo -aw, em maior ou menor ocorrência, nos oito falantes analisados.

ii) Nível Morfossintático: Neste nível encontramos nos dados alguns aspectos que podem ser analisados, mas, para o presente artigo, optamos por observar as interferências do PB na formação do passado (tempo pretérito perfeito do modo indicativo) em Talian. Tal tempo verbal foi o aspecto selecionado porque as perguntas das entrevistas realizadas



geralmente solicitavam informações da infância ou da vida adulta dos informantes e, portanto, constantemente eles foram instigados a utilizar o pretérito perfeito para responder às perguntas. Um outro motivo que justifica a escolha deste tempo verbal para a análise é que a sua estrutura sintática é bem diferente do PB e, portanto, o empréstimo, caso ocorresse, ficaria mais evidente.

Foram encontradas algumas interferências na construção do pretérito perfeito em Talian, em 05 entrevistas, das 08 analisadas, os informantes utilizaram alguma referência da formação do passado do PB para conjugar verbos em Talian no passado.

Antes de apresentar os exemplos morfossintáticos que demonstram tais interferências do contato linguístico entre PB e Talian, apresentaremos como se dá a construção do pretérito perfeito do indicativo no Talian, usaremos os exemplos do Curso de Talian de Luzzatto (2018).

O pretérito perfeito em Talian, diferente do PB, é um tempo composto formado pelo verbo auxiliar (ser ou haver, a escolha de qual auxiliar utilizar depende do verbo principal) mais o particípio passado do verbo principal, por exemplo, *mi go amà* para ‘eu amei’, *mi go temesto* para ‘eu temi’ e *mi go sentisto* ou *mi go sentio* para ‘eu ouvi/senti’ (LUZZATTO, 2018, p. 171-173).

Os exemplos das interferências, provenientes dos dados analisados, que apresentaremos a seguir, ocorreram todos com o particípio passado do verbo, portanto, primeiramente é importante verificar com mais precisão como se dá a formação de tal construção dos verbos em Talian.

A formação regular do particípio passado para verbos da primeira conjugação (ar) em Talian é feita com a terminação -à, por exemplo, *go amà* (amei), *go lavorà* (trabalhei), *go parlà* (falei). Já o particípio passado regular da segunda conjugação, que apresenta a maior parte de irregularidades dentre as três conjugações, é feito com a terminação -esto, como em *go temesto* (temi), *go credesto* (acreditei), *go confondesto* (confundi). Os verbos regulares da terceira conjugação (ir) utilizam duas terminações para a formação do particípio passado regular-isto ou -io, dependendo do verbo, por exemplo, *go sentisto* (ouvi/senti), *son partisto* (parti), *go capio* (entendi).



Agora vejamos algumas frases que exemplificam as formações de passado dos informantes desta pesquisa:

Exemplo 08: (...) *go vendesto* (...) e sa **ga aborrecesto**, certo una cosa dessa... [(...)vendi (...) e se **aborreceu**, certo com uma coisa dessas...]. (Informante 06).

Exemplo 09: (...) **ga acontessesto** *coissita*... [(...) **aconteceu** assim...]. (Informante 02).

Segundo o dicionário de Talian de Luzzatto (2015), o verbo “aborrecer” em Português Brasileiro pode ser traduzido como: *fadigar*, *stufar* ou *avilir*, já o verbo “acontecer” apresenta as seguintes traduções: *suceder*, *capitar*, *far*, *soravegner*. Portanto, nos exemplos 08 e 09 (*ga aboressesto* e *ga acontessesto*) os informantes utilizaram verbos do PB, mas os conjugaram conforme todas as regras do Talian: a) verbo composto; b) uso do auxiliar *haver*; c) formação do particípio passado com terminação *-esto* que caracteriza a formação do particípio passado de verbos regulares da segunda conjugação do Talian. Temos, portanto, um claro exemplo de como também morfossintaticamente o Talian vem sendo modificado pelo contato com o PB.

O uso de um verbo em Português Brasileiro conjugado em Talian acontece também no exemplo a seguir, mas, no exemplo 10, com um verbo na primeira conjugação:

Exemplo 10: (...) *tanto che se mi vao ntea Itália mi me viro ben, come meo fradeo A. che le nato e se ga virà ben* [(...) tanto que se eu for à Itália **eu me viro** bem, como meu irmão A. que foi e **se virou** bem lá]. (Informante 03).

No exemplo 10 o informante conjuga o verbo do PB “virar-se” em dois tempos verbais diferentes utilizando-se da estrutura sintática do Talian. No primeiro uso, no presente do indicativo (*mi me viro bem*), utiliza-se dos pronomes do Talian (*mi, me*) com



a desinência verbal do PB (-o). Na segunda vez que utiliza o verbo “virar-se”, o conjuga no passado (*se ga virà ben*) e utiliza, além da formação do tempo composto com o verbo auxiliar haver, o particípio passado regular dos verbos da primeira conjugação (-à) em Talian para conjugar um verbo do PB (virar-se). Vale ressaltar também que o verbo “virar-se”, com sentido de ‘esforçar-se para alcançar um objetivo’, como utilizou o informante 03 no exemplo 19, em Talian, não existe. A expressão poderia ser traduzida como: *se ga rangià ben* ou, ainda, *ga fato polito/puito*.

Nos próximos dois exemplos selecionados para essa análise, o contato entre o PB e o Talian fica ainda mais evidente porque os informantes produzem verbos compostos para expressar o passado, ou seja, utilizam o auxiliar haver, mas a terminação da formação do particípio passado do Talian é substituída pela desinência verbal do pretérito perfeito do PB:

Exemplo 11: *La fémna ga descobriu, caro...* [A esposa descobriu, meu querido...] (Informante 02).

Exemplo 12: (...) *spacá la bexiga e ga vivesto sie mesi ancora senza bexiga interná [...], ga sofrriu (...), complicado né? Fadiga.* [(...) estorou a bexiga e viveu seis meses ainda sem bexiga internado (...), sofreu (...), complicado, né? Difícil]. (Informante 06).

No exemplo 11 o informante 02 usa o verbo “descobrir” do PB que, segundo o dicionário de Luzzato (2015), não existe em Talian. O autor gaúcho traduz “descobrir” como: *scoprir, veder par la prima volta, catar*. Já no exemplo 12 o verbo “sofrer”, segundo Luzzatto (2015) pode ser traduzido como *sofrir*. Mas o que chama a atenção nestes dois exemplos não é escolha do verbo, mas sim a formação do particípio passado. Em ambos os casos, os dois falantes ao invés de formarem construções como: *ga descoberto e *ga sofresto*, conforme a sintaxe taliana, formam o particípio passado com a desinência verbal da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito da terceira



conjugação (-iu) do PB (*descobriu, sofriu*).

O último exemplo apresentado nesta seção de análise morfossintática demonstra a substituição completa do verbo em PB no pretérito perfeito:

Exemplo 13: Entrevistador: *Sito nata pròprio qua in colónia?* [Você nasceu aqui na colônia mesmo?].

Eu nasci em Tamandaré, Campo Novo che parlava. [Eu nasci em Tamandaré, Campo Novo que falava]. (Informante 08).

No exemplo 13 a informante, mesmo com a pergunta sendo feita em Talian e com o verbo “nascer” conjugado no passado, não utiliza nenhuma estrutura do Talian na sua resposta e conjuga o verbo todo diretamente em PB, continuando, em seguida, a frase em Talian.

O que se conclui a partir da análise deste aspecto morfossintático é que o PB tem influenciado e alterado até mesmo estruturas complexas do Talian, como é o caso da formação do pretérito perfeito do indicativo.

(iii) Nível semântico-lexical: Encontramos muitas interferências provenientes do contato linguístico do PB no Talian, o aspecto lexical é um dos mais perceptíveis e evidentes dentre os quatro analisados nesta pesquisa. Existem diversos exemplos nas 08 entrevistas analisadas de interferências do PB no Talian. Todos os 08 informantes apresentaram algum ou muitas interferências nas suas falas a nível lexical.

Segundo Biderman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”. A afirmação da autora auxilia, de certa forma, a compreender não só a grande quantidade de palavras do PB no Talian, mas também colabora na compreensão da sua formação. Sabemos que esta língua foi constituída no Brasil com base vêneta, proveniente da Itália, entretanto, atualmente, seus



falantes, apesar da origem italiana de alguns, são todos nascidos e criados em terras brasileiras, todos falam PB e é a partir desta nação brasileira que eles enxergam e nomeiam o mundo. As experiências dos falantes de Talian atualmente estão ligadas, embora haja grande respeito às origens, ao Brasil. Portanto, é natural que a geração do léxico se processe através da realidade na qual seus falantes estão inseridos (BIDERMAN, 2001).

Decidimos, para este artigo, apresentar as interferências em cinco quadros, um para cada campo semântico¹⁸ para facilitar a visualização. Outra observação importante é que apresentaremos tanto exemplos de interferências formados somente por uma unidade lexical quanto aqueles constituídos por uma frase inteira em PB durante a fala em Talian¹⁹. As traduções dos cinco quadros encontram-se no Anexo 01.

Quadro 01 - Interferências lexicais no campo semântico família

(...) *gera, a maioria gera de a casa própria, fradei, fradei.* (Informante 01).

(...) *gera primo di mio padre.* (Informante 02).

Prima, matina ghe iera un caffè... casa da noiva, da tos...è, da noiva? (Informante 02).

El pi vècio ze G. (nome próprio) che el ze já falecido. N., D., dopo R., mi, tuti me conhece como M., J., já falecido. (Informante 03).

Bom, del mi tempo mi cato che nò. Se sentia pi tea época de me mare che se sentia pi de non maridarse con moreno par esémpio (...) existia preconceito! Existia preconceito quea época. (Informante 03).

Mi son stata sortera fin 24 ani. (Informante 04).

¹⁸ Os 05 campos semânticos são palavras-chave para o CEVEP, vários trabalhos do grupo são guiados por estas cinco palavras porque acreditamos que elas identificam o falante de Talian. Quatro delas foram inspiradas no artigo *Bilinguismo, Identidade étnica e atitudes linguísticas* de Vitalina Maria Frosi (2010). No artigo a autora apresenta aspectos da formação da identidade étnica do ítalo-brasileiro com os seguintes temas: “O trabalho e a identidade étnica”, “A religião e a identidade étnica”, “A família e a identidade étnica”, “A língua e a identidade étnica”. O campo semântico da gastronomia não foi contemplado por Frosi (2010), mas o CEVEP decidiu incluí-lo por acreditar na forte identificação italiana que a comida representa para o falante de Talian.

¹⁹ Como o objetivo deste artigo é demonstrar o contato linguístico do PB no Talian não entraremos em questões teóricas de definição do que é empréstimo linguístico ou code-switching na fala dos informantes desta pesquisa. Para uma melhor distinção entre os dois conceitos ver: Mesquita, R. (2016).



Non voeva **brigar**, sai, parché era rùstiga...e mia **sogra**.... (Informante 04).

Nome e **sobrenome**. (Informante 04).

Parché mio pare brigava con mio nono, i ghe iera un zio, li a Santo Inàssio, **ali...né?** che ze una **rua** là Clara Vendramim, che si ga maridà con mio zio (nome), **então** quando **brigava** con o nono [mi pare] **ia**... scapava e andava lá con suo fradelo e lá favo... **ia**... scar... (tosse)... scarpire quà, e là, dal'altra banda le polachete scarpando si guardavano ... **ciao** ... **não sei o que** ... e li che **cominssiò** la santa **incrensa**, ga cominsià la **incrensa** (risos). (Informante 05).

Ga fato un **negòssio** con una fémèna di un tera **aí** e seu **sobrinho** (nome do sobrinho), e allora... (Informante 06).

Se ndea la **brincare** ghe zera **dose** tosi. (Informante 07).

Ele dava um jeito, né? El separea. Non **queria sabê de gente** che non fosse da colônia, **né?** Che non fosse dea iente (...) **tinha que ser gente da família** e simo maridai tuti iente dea colônia. (Informante 08).

Fonte: elaborado pelas autoras²⁰

No campo semântico referente ao léxico familiar, um aspecto que chama muito a atenção é que diversos nomes de parentela são usados em PB: primo para *cusin/cosin/cugin*²¹, noiva para *sposa, fidansata*, sogra para *sòcera, madona* e sobrinho para *nevodo/ neodo*.

Além disso, as interferências acontecem utilizando somente uma unidade lexical (*moreno, época*), ou com uma frase inteira (*Ele dava um jeito, né?*; *Existia preconceito!*).

Podemos destacar, ainda, alguns verbos conjugados no pretérito imperfeito do indicativo (*brigava, sentia*), no presente do indicativo (*conhece*) ou, ainda, no infinitivo (*brigar*). Interessante também perceber a construção de “brincare”, na qual o informante

²⁰ Todos os quadros deste artigo foram elaborados pelas autoras do texto.

²¹ Os nomes (e variantes, sempre que contempladas) em Talian para os cinco campos semânticos aqui descritos foram retirados de Luzzatto (2015). Exemplo: “Primo. [primo] s. m. *Cusin, cosin, cugin*”. (LUZZATTO, 2015, p. 625).



7 usa o verbo brincar do PB (*schersar, giugar, divertirse*, em Talian) com a terminação do infinitivo do (-are²²).

Quadro 02: Interferências lexicais no campo semântico gastronomia

(...) *e chi a ga fato a jánta: e P. G. (nome próprio). Fora cossita gera jánta, jánta.* (Informante 01).

(...) *se ghe vache, porco, gaiene.* (Informante 02).

Mort...mort...me go smentegà... Entrevistador: mortandeia? È... tipo, mortandele, cossita. (Informante 02).

De pi gera radici, fasui, cove, capussi (...) e dopo i ga scominsià coa lavora i ga scominsià com tomate, dopo coi brocoi i disea, couve-flor, ãh hã? (Informante 03).

Rivàvino casa, a mãe me dava poenta e miee par magnar. (Informante 03).

Avea vendido banane, maçã, caramazze. (Informante 04).

Meteva la roba em cima e le freguese vinha, allora è vegnesto una freguesa bonoreta e ga deto: [...] me tiri via el agrião. (...) P. (nome), dove è l'agrião da fémena? Ga deto. Menino, ga deto, você errou, ga deto, por quê? Go deto, porque si sbaglià, você devia ter dito pai, era fradeo. (Informante 06).

No campo da gastronomia muitos nomes de frutas e legumes são usados em PB: couve-flor para *bròcoli*, tomate para *pomodoro*, maçã para *pomo*, agrião para *agrion*, *cresson*. “Tomate”, por exemplo, é uma palavra que praticamente já sofreu todo o processo de substituição linguística nestas duas comunidades. É difícil prever em que momento o processo se iniciou, mas, talvez, quando os habitantes de Santa Felicidade saíram da Colônia e foram vender as frutas e verduras no centro de Curitiba, esse processo de mudança tenha se intensificado com o contato linguístico com brasileiros e a necessidade de ganhar dinheiro com a venda de seus produtos. Por outro lado, mesmo em Colombo, onde não foi tão forte a tradição da venda de produtos no centro de Curitiba quanto em Santa Felicidade, existiu a mudança linguística de *pomodoro* para tomate. Já

²² A terminação do Talian para o infinitivo na primeira conjugação é –ar.



em **agrião** se verifica a incorporação da pronúncia do ditongo nasal [ãw] do PB ao invés da pronúncia típica do Talian [on], conforme já abordado no primeiro nível de análise, o fonético/fonológico.

Novamente, constata-se a presença de algumas frases inteiras em PB (*a mãe me dava, você devia ter dito pai*).

Vale destacar ainda, no quadro 02, a transferência da sintaxe do PB para o Talian na formação do plural de ‘a freguesa’ para *le freguese*. O Informante 06 usa o artigo definido feminino plural do Talian (*le*), o substantivo em Português Brasileiro (*freguesa*), mas com a desinência –e, usada para a formação do plural de palavras femininas, conforme Luzzatto (1994, p. 42).

Quadro 03: Interferências lexicais no campo semântico religião

*Diesi e boto matina iera el **casamento**. Dopo ghemo fato **armoço** qua da me pare.* (Informante 02).

*In cesa ze stat- **naquela época era**- adesso non me ricordo.* (Informante 08).

*Son da prima e secondo ano non so, parché go fato a **comunhão**.* (Informante 08).

No campo semântico da religiosidade, o nome de duas celebrações também foi falado em PB: casamento para *matrimònio* e comunhão para *comunion, riunion, comunità*.

Quadro 04: Interferências lexicais no campo semântico trabalho

*(...) laorar co so nono **a tarde** e a sera o el contràrio.* (Informante 01).

*(...) dopo a ga fato **segundo grau**, a ga fato **magistério, faculdade**, dopo de maridà, é? Adesso go na **transportadora** a ze drio cuidar dea **transportadora** e a ze casa drio i **caminhuni**, drio tenderli.* (Informante 01).

*(...) ghe iera um **vizinho** qua con la **carroça**.* (Informante 02).



(...) *go ciapa foice tre ore mais ou menos (...) ciapo la rossadera, foice, manara.* (Informante 02).

Laorava un poco di pedreiro, carpinteiro. (Informante 02).

*Bom, desso son aposentà ma go laorà tanto su a lavora, sua a roça (...) sofrido, sofrido parché gera el di intiero gera **caregare peso**, sapare, de tuto favi, de tuto favi.* (Informante 03).

(...) *che i ghe piantava a faca.* (Informante 03).

(...) *i fava il vin e dopo no costumava ingarafarlo pa ora de magnar e a meodì o via e sarravi.* (Informante 03).

Tuti vigneva in su e dissea: - Taliani, compra un lote qua, guarda, una misèria, eles tavam tudo com a corda no pescoço, agora... (Informante 06).

Sapa il dia inteiro di qua e di la, era complicato, e era la fatiga, fatiga. (Informante 06).

Parché a rural la ze massa pesada, mia vera? e allora go comprà na combi. (Informante 08).

E me mare coa careta a nasea vender a roba che me pare trazea a casa. (Informante 08).

No campo semântico do trabalho, o que se destaca são alguns nomes das ferramentas de trabalho e das profissões utilizadas em PB: carroça para *careta*, foice para *ronca*, carpinteiro para *morangon*, pedreiro para *murer, muraro, murator(e), murador*.

Além disso, segundo Luzzatto (2018, p. 109), “os termos técnicos, mais recentes, o vêneto, lá, tomou do italiano, e o talian, aqui, tomou do português”. A afirmação do professor de Talian do RS faz todo sentido quando se pensa em línguas em contato. Além disso, tal afirmação explicaria algumas interferências encontradas no quadro do campo semântico do trabalho como: transportadora, caminhão (ou caminhon) e faculdade, palavras, de fato, mais atuais. Entretanto, os outros exemplos apresentados no quadro vão muito além de palavras técnicas ou recentes. O que vemos com os exemplos é que na fala taliana dos 08 informantes analisados existem interferências do PB não somente para palavras técnicas, mas também para palavras do dia a dia das colônias.



Além disso, no quadro do campo semântico do trabalho observamos novamente interferência na conjugação de verbos em Talian. Em “ingarafava”, o informante 03 conjuga um verbo no pretérito imperfeito do indicativo que não existem em Talian, conforme Luzzatto (2015)²³.

Quadro 05: Interferências lexicais no campo semântico língua

*Parlavo soio el taliano nostro (...) zera tuto na **atrapalhação djisgranhenta**, é? (Informante 01).*

*(...) a ti **misturavi** in casa col Talian ah a dea bastonae (...) te cominsavi parlar **português** a te **misturavi**...ah a dea bastonae, bastonae e quei altri (...) tuti compagni, **tirando** i poiachi e i puchi brasiliani, magina. (Informante 01).*

*(...) **ah**, a saco- a pasta **nossa**- nostra **ah** e brigàvino a casa par ciapar un **pacote** che gera i risi de sìnque kii che era plàstico. Ghe gera un **caderno**, soio un **livro** e un **lápiz** e una **caneta**- (...) dopo te podei **andar brincar**, dopo te podei **ndar brincar**, e de luni a sabo... **era igual**- compagno ai grandi. (Informante 01).*

*Gera rígida! e ciapàvino parché gera **sempre a irmã C. a me professora**, coa **régua** lá (...) nò de **dar castigo** nò ma gèrimo ciamài **atenção tanto né?** (...) **ah, si! Apanhava, ich!** (...) a irmã C.. **Estudei um pouco com a irmã S.** (Informante 03).*

*Me pare e me mare i parlava **misturà** un poco de tuto. De volte **una question assì** parlava medo in brasilian e medo in Talian. (Informante 07).*

*E ga seità **trocare de professoressa** e ga dato massa e lora **ghemo assà la**. (Informante 07).*

Neste campo, os assuntos tratados estão relacionados ao período escolar ou à sua relação com a língua. Percebe-se que palavras do dia a dia escolar são utilizadas em PB, como caneta para *pena*²⁴ e caderno para *quaderno*.

Para finalizar, vale ressaltar que o informante 05 fez uso, em todas as suas falas, além das diversas interferências do PB, também de interferências provenientes do italiano

²³ Engarrar: *imbotigliar* (LUZZATTO, 2015). A desinênciaverbal de terceira pessoa no pretérito imperfeito do indicativo utilizada para a conjugação em Talian é a mesma do PB: -va.

²⁴ Luzzatto (2020, p. 383).



standard. Esta característica do Talian com interferências do italiano *standard* não pode ser ignorada, porque é um fenômeno normal entre falantes que procuram pelo estudo formal do italiano *standard* no Brasil. O próprio informante percebe as interferências, conforme o exemplo 14:

Exemplo 14: *Io, mio pupà e un altro funzionario siamo andati la (você viu que eu misturo, faço mescolate con la gramàtica) e lá ho visto quella fémima lá, quela moça lá, la ragazza*. [Eu, meu pai e um outro funcionário fomos (você viu que eu misturo, faço mistura com o italiano *standard*) e lá vi aquela mulher (em Talian), aquela moça lá (em PB), a moça (em italiano *standard*)]. (Informante 05).

Concluimos, com a análise lexical, que o contato linguístico com o PB tem incorporado muitas palavras ao Talian, tanto para palavras técnicas quanto para palavras usuais do dia a dia do trabalho, da família, da língua, da igreja e da cozinha.

iv) Os marcadores discursivos (MDs) Contemplamos a análise destes mecanismos discursivos por verificar que são termos recorrentes na fala em Talian dos detentores analisados.

De acordo com Penhavel (2005),

Marcadores discursivos (MDs), em termos gerais, são mecanismos que atuam no nível do discurso (aqui entendido como organização textual-interativa), estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores. Consistem em recursos imprescindíveis e muito recorrentes na construção do discurso; no entanto não constituem ainda uma classe bem definida. Na literatura sobre o assunto, há, inclusive, uma ausência de consenso terminológico, pois é possível encontrar, referindo-se a esses mecanismos, expressões como *marcadores conversacionais*, *operadores discursivos*, *marcadores de estruturação da conversação*, *apoios do discurso* etc. Risso *et al.* (1996), adotando as palavras de Pottier (1992) a respeito dos advérbios e transferindo-as para o contexto dos marcadores, dizem que “se tem incluído sob a rubrica de ‘marcadores’, todos os recursos discursivos ‘com os quais não se sabe o que fazer. A sua lista não se fecha nunca e não se lhes dá uma definição integrante” (PENHAVEL, 2005, p. 1296).



Nota-se, a partir do excerto acima, que apesar de serem recursos fundamentais e bastante expressivos na comunicação oral, os MDs não constituem uma classe definida, muito menos há consenso terminológico na literatura da área. A nosso ver, no entanto, fazem parte do nível do discurso e constituem-se em marcadores discursivos.

Na análise das entrevistas de Santa Felicidade e de Colombo, notamos uso bastante acentuado de termos e expressões do Português Brasileiro atuando como MDs nas falas em Talian. Os mais recorrentes foram: *né?*, *ãh hã!*, *não?*, *ich!* *é* ou *não é?* Abaixo seguem alguns exemplos retirados das entrevistas.

Exemplo 15: Ele dava um jeito, **né?** el separea. Non queria sabê de gente che non fosse da colônia, **né?** Che non fosse dea iente [Ele dava um jeito, *né?* Ele separava. Não queria saber de gente que não fosse da colônia, *né?* Que não fosse da gente]. (Informante 07).

Exemplo 16: (...) *e dopo i ga scominsia coa lavora, i ga scominsia com tomate, dopo coi brocoi i disea, couve-flor, ãh hã?* [e depois eles começaram com a lavoura, começaram com tomate, depois com brócolis eles diziam, couve-flor, *ãh hã?*]. (Informante 08).

Exemplo 17: *Nò de dar castigo nò ma gèrimo ciamài atenção tanto né?* [Não, de dar castigo não, mas chamavam a nossa atenção]. (Informante 03).

Exemplo 18: *Ah, si! Apanhava, ich!* [Ah, sim. Apanhava, *ich!*]. (Informante 01).

Exemplo 19: *Son nassua em casa, né?* [Eu nasci em casa, *né?*] (Informante 05).

Exemplo 20: [...] *farsi una bea caseta, comprarsi le robe, é ou não é?* [construir uma bela casinha, comprar as coisas, *é* ou *não é?*]. (Informante 06).



Exemplo 21: *Mia mare stava insieme, né?* [Minha mãe ficava junto, né?]. (Informante 02).

Exemplo 22: *Ma tel medèsimo ponto el gera bon de core, ãh hã?* [Mas ao mesmo tempo ele era bom de correr, ãh hã?]. Informante 07).

Dos MDs encontrados, o **né?** foi o mais recorrente, como atestam os exemplos 15, 17, 19 e 21. No exemplo 16, por sua vez, além de ser um MD, há ali também a nasalização da **vogal a, ãh hã!** algo pouco provável que ocorra no Talian, cuja pronúncia seria de á aberto.

No exemplo 18 temos o MD **ich!** com pronúncia fricativa como se dá no Português Brasileiro.

Dos oito entrevistados analisados os MDs do Português apareceram em sete entrevistas. Apenas um informante da primeira faixa etária analisada, de Colombo, não fez uso de nenhum MD do PB em sua fala. Constatamos ainda que tanto os homens quanto as mulheres analisadas fizeram uso de tais MDs e que a faixa etária também não se mostrou relevante nessa diferenciação de uso.

Em Talian, os MDs possíveis que poderiam ter sido utilizados pelos falantes, no contexto em que apareceram os MDs do Português Brasileiro, seriam, entre outros: **nò? nol ze? è? mia vera? mia cossita?** Abaixo seguem alguns exemplos:

Exemplo 23: *A ti misturavi in casa col Talian e a dea bastonae, é?* [se falasse misturado com o Talian em casa ela te batia, né?]. (Informante 01).

Exemplo 24: *Parché a rural la ze massa pesada, mia vera? E allora go comprà na combi.* [porque a rural é muito pesada, não é verdade? Então eu comprei uma combi].



(Informante 08).

O que se conclui a partir da análise das entrevistas é que o uso de MDs via interferências linguísticas do PB está bastante disseminado no Talian falado nas comunidades analisadas. Tais MDs aparecem exercendo a função fática, ou seja, atuam no sentido de manter o ato comunicativo em curso. O locutor ali busca estratégias para manter a interação com o interlocutor. Contudo, em alguns casos a função fática, ou seja, a estratégia de manter a interação com o interlocutor, é exercida tendo como base os MDs do Português Brasileiro.

Considerações Finais

Notamos, ao longo do texto que, pautado em dados reais, este estudo apontou uma série de interferências do Português Brasileiro no Talian falado no planalto curitibano. Tais interferências, via contato linguístico, se fazem presentes do nível dos sons ao nível discursivo, sem deixar de contemplar nenhum dos níveis linguísticos analisados. Contudo, as interferências mais intensas ocorreram no nível lexical, fato que corrobora os pressupostos de Weinreich (1979 [1953]) de que, quando a diferença entre os sistemas das duas línguas em contato é menor, a tendência de haver interferências se concentram no nível lexical. O Português Brasileiro e o Talian são línguas românicas, ou neolatinas, e integram o conjunto das línguas indo-europeias, originadas da evolução do latim. Logo, os sistemas das duas línguas são mais parecidos que, por exemplo, o Português e o Alemão.

Procuramos mostrar também, ao longo do texto, que o contato linguístico e as interferências dele decorrentes é um fenômeno natural, que existe em todas as línguas que coexistem em um mesmo território. Este fenômeno, conforme destacado, é necessário e faz muito bem às línguas, pois ajuda a renová-las. Entretanto, como bem aponta Beloni (2020), a mescla de variedades linguísticas sempre foi marginalizada por muitos, mas “as línguas, no entanto, sempre estarão em contato, de uma forma ou de outra. Elas, também,



sempre serão nominadas e a busca por padronizá-las sempre existirá” (BELONI, 2020, p. 136).

Tal marginalização, apontada por Beloni (2020), talvez seja ainda mais evidente no cenário do Talian, cujos desafios sociolinguísticos são grandes e a aplicação de conceitos como os de *heterogeneidade sistemática*; *adequação* e *respeito linguístico* se fazem urgentes e necessários.

Já em 1958 a grande historiadora Altiva Balhana, conhecida como a principal estudiosa da imigração italiana no Paraná, sabiamente já havia percebido e alertado, na introdução do seu glossário, que algumas palavras daquela língua, na época ainda nomeada por ela de dialeto vênето, tinham “evoluído” com o contato com “outro meio”, nas suas palavras:

A maioria pertence ao vocabulário do dialeto vênето, porém outras representam já a **evolução** da linguagem tradicional dos colonos de Santa Felicidade em **contato** com outro meio e outra cultura. Há mesmo muitas expressões novas, neologismos criados em função das novas condições ambientais (BALHANA, 1958, p. 259, grifos nossos).

Altiva Balhana, com seu olhar apurado e sensível também à língua, percebe que o processo de criação de novas “expressões” é uma **evolução** para a língua, nunca um retrocesso.

Este trabalho foi realizado com o mesmo intuito, ou seja, de continuar contribuindo com o pensamento de que o contato linguístico promove a evolução do Talian. É somente através das variações linguísticas aqui apresentadas e das mudanças linguísticas que ainda acontecerão, principalmente por meio do contato linguístico, que o Talian continuará presente no planalto curitibano.



REFERÊNCIAS

CAVANHA, Jussara Nena. **Colônia Alessandra**. 1. ed. Curitiba: Progressiva, 2012. 361p.

GUBERT, Antonio. **Influências do talian no português brasileiro de Vargeão (SC): um estudo sobre variação no nível fonético**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2012. 92 p.

GUBERT, Antonio. **Varição morfossintática por contato de línguas: O caso do “Castelhano de Portugal”**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2015. 245 p.

PENHAVEL, Eduardo. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. In: **Estudos Lingüísticos XXXIV**, p. 1296-1301, 2005. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/sobre-as-funcoes-dos-mercadores-940.pdf?/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/sobre-as-funcoes-dos-mercadores-940.pdf>. Acesso em 14/10/2020.

ALTENHOFEN, Cléo e MARGOTTI, Felício. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana, ALTENHOFEN, Cléo e RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos lingüísticos no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 482 p.

BALHANA, Altiva Pilatti. **Santa Felicidade um processo de assimilação**. 1. ed. Curitiba: Tip. João Haupt & Cia., 1958. 288 p.

BALTHAZAR, Luciana Lanhi e PERIN SANTOS, Joviana Maria. Material didático para o ensino de Talian como língua de herança no Brasil. **Revista X**. Dossiê Estudos Poloneses. No prelo.

BARAUCE, Sandra Mara e LOREGIAN-PENKAL, Loremi. O contato entre o vêneto e o português na cidade de Palmeira, Paraná: Variação da pronúncia do ditongo tônico nasal <ão>. **Revista Trivium**. V. 7, n. 1, jan./jul. p. 152-173, 2020.

BELONI, Wânia. **Língua e cultura italiana: Atitudes de ensino e de aprendizagem em Cascavel/PR**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná, UNIOESTE. Cascavel, 2020. 378 p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs). **As ciências do léxico, lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. 268 p.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* (Orgs.). **Para conhecer Sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019. 174 p.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. Línguas e dialetos em contato. In: CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística histórica**. 1. ed. Madrid: Editorial Gredos, 2007. 414 p.

CONFORTIN, Helena. **A faina lingüística**. 1. ed. Porto Alegre: Edições EST, 1998.



COUTO, Hildo Honório do. Contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguaí. In: MELLO, Heliana, ALTENHOFEN, Cléo e RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 482 p.

FROSI, Maria Vitalina. Bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: FROSI, Maria Vitaliana et al. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. 1. ed. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul (EDUCS), 2010. 197 p.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos**: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul. 1. ed. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983. 525 p.

GABARDO, Diego e LOPES, Franciele Aparecida. A redescoberta da identidade étnica dos descendentes de imigrantes vênets em Colombo. In: **Mémórias de uma Colônia Italiana**: Colombo-Paraná 1878-2013. Elaine Cátia Falcade Maschio. (Org.). 1. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2013. 200 p.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi e STIVAL-SOARES, Moisés. Centro de Estudos Vênets no Paraná, CEVEP: Histórico e principais ações em prol da salvaguarda do Talian. **Revista X**. Dossiê Estudos Poloneses. No prelo.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. A presença do catolicismo e da identidade italiana na criação do município de Colombo. In: **Mémórias de uma Colônia Italiana**: Colombo-Paraná 1878-2013. Elaine Cátia Falcade Maschio (Org.). 1. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2013. 200 p.

MARGOTTI, Felício. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2004. 314 p.

MASCHIO, Elaine Falcade. **A constituição do processo de escolarização primária no município de Colombo - Paraná (1882-1912)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. 166 p.

MESQUITA, R. (2016). Empréstimos linguísticos e code-switching em Akw? Xerente/Português: contribuições para a sociolinguística, para a educação indígena e para o povo Akw?. **Signótica**, 28(2), 339-362. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sig.v28i2.41521>. Acesso em 22/10/20.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo, Ática, 2005. 96 p.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Curso de talian**: para um brasileiro que quer aprender a falar, ler e escrever em talian. 3. ed. Pinto Bandeira, RS: Edições Araucária. 208 p.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (Vênets Brasileiro)**: Noções de Gramática, História e Cultura. 1. ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1994. 124 p.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Dicionário Português Talian**. 2. ed. Porto Alegre; Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2015. 778 p.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Dicionário Talian Português**. 2. ed. Pinto Bandeira: Araucária Edições, 2020. 655 p.



ORTALE, Fernanda. **A formação de uma professora de Italiano como língua de herança**: O pós-método como caminho para uma prática docente de autoria. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Livre-Docente em Língua Italiana. São Paulo, USP, 2016. 162 p.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana e ALTENHOFEN, Cléo. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana, ALTENHOFEN, Cléo e RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 482 p.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**. Findings and problems. 1. ed. New York, Linguistic Circle, 1953. 148 p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 1. ed. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola [1968], 2006 . 151 p.



ANEXO 01

Tradução do Quadro 01: Interferências lexicais no campo semântico família

(...) tinha a maioria, era da casa própria, irmãos, irmãos. (Informante 01).

(...) era primo do meu pai. (Informante 02).

De manhã tinha primeiro um café... na casa da noiva, da (começa a falar moça, mas não termina a palavra) ...é, da noiva? (Informante 02).

O mais velho é o G. (nome próprio) que já é falecido. N., D., depois R., eu, todos me conhece como M., J., já falecido. (Informante 03).

Bom, do meu tempo eu acho que não. Se sentia mais na época da minha mãe, se sentia mais de não se casar com moreno, por exemplo (...) existia preconceito! Existia preconceito naquela época. (Informante 03).

Eu fui sortera até os 24 anos. (Informante 04).

Não queria brigar, sabes, porque era áspera, e minha sogra.... (Informante 04).

Nome e sobrenome. (Informante 04).

Porque meu pai brigava com meu vô, e tinha um tio, ali em Santo Inácio, ali... né? que tinha uma rua lá Clara Vendramim, que se casou com meu tio (nome), então quando brigava com o vô [meu pai] ia... escapava e ia lá com seu irmão e lá fazia... ia... scar... (tosse) carpir aqui e ali, do outro lado as polaquinhas carpindo, se olham...oi (em italiano standard)...não sei o quê...e ali que começou a santa encrenca, começou a encrenca (risos). (Informante 05).

Fez um negócio com uma mulher de uma terra aí e seu sobrinho (nome do sobrinho), e então... (Informante 06).

Se ia lá brigar e tinha doze rapazes. (Informante 07).

Ele dava um jeito, né? Ele separava. Não queria sabê de gente que não fosse da colônia, né? Que não fosse da gente (...) tinha que ser gente da família e nos casamos todos com gente da colônia. (Informante 08).



Tradução Quadro 02: Interferências lexicais no campo semântico gastronomia

(...) e quem fez a janta: e P. G.(nome próprio). Foi assim, tinha janta, janta. (Informante 01).

(...) A gente tem vacas, porco, galinhas. (Informante 02).

Mort... mort... me esqueci... Entrevistador: Mortadela? É... tipo, mortandele, assim. (Informante 02).

Tinha ainda almeirão, feijões, cove, repolho (...) e depois começou a trabalhá e começou com tomate, depois com brócolis e dizia, couve-flor, ãh hã? (Informante 03).

Chegávamos em casa, a mãe me dava polenta e mel pra comer (Informante 03).

Tinha vendido bananas, maçã, caramazze²⁵. (Informante 04).

Colocava as coisas em cima e as freguesas vinham, então veio uma freguesa cedinho e disse: [...] me dá o agrião. (...) P. (nome), onde está o agrião da mulher? Ele disse. Menino, ele disse, você errou, ele disse, por quê? Eu disse, porque se enganou, você devia ter dito pai, era irmão. (Informante 06).

²⁵ A palavra *caramazze* não foi encontrada em Luzzatto (2015), nem em Luzzatto (2020).



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 11 • Número 33 • Mar 2021

 <http://dx.doi.org/10.48211/sociodialeto.v11i33.337>

Tradução Quadro 03: Interferências lexicais no campo semântico religião

Dez horas da manhã tinha o casamento. Depois fizemos o almoço aqui no meu pai.
(Informante 02).

Na igreja teve- naquela época era- agora não me lembro. (Informante 08).

Sou do primeiro ou do segundo ano, não sei porque fiz comunhão. (Informante 08).



Tradução Quadro 04: Interferências lexicais no campo semântico trabalho

(...) trabalhar com o vô à tarde, e à noite era o contrário. (Informante 01).

(...) depois ela fez segundo grau, fez magistério, faculdade, depois de casar, né? Agora tenho uma transportadora, ela fica atrás pra cuidar da transportadora, ela está em casa atrás dos caminhões, está cuidando deles. (Informante 01).

(...) tinha um vizinho aqui com a carroça. (Informante 02).

(...) peguei foice três horas mais ou menos...pego a roçadeira, foice, foice. (Informante 02).

Trabalhava um pouco de pedreiro, carpinteiro. (Informante 02).

Bom, agora sou aposentado, mas trabalhei tanto na roça, muita roça (...) sofrido, sofrido porque era o dia inteiro, era carregar peso, carpir, fazia de tudo, fazia de tudo. (Informante 03).

(...) porque eles plantavam a faca... (Informante 03).

(...) e fazia vinho e depois não costumava engarrafá-lo pra hora da comida e ao meio-dia íamos com a jarra buscá-la (...) sim, quando engarrafava um pouco de vinho para armazená-lo e fechava. (Informante 03).

Todos vinham aqui e diziam: Italianos, comprem um lote aqui, olha, uma miséria, eles estavam todos com a corda no pescoço, então... (Informante 06).

Enxada, o dia inteiro pra cá e pra lá, era complicado, e era cansativo, cansativo. (Informante 06).

Porque a Rural é muito pesada, não é verdade? E então eu comprei a Kombi.(Informante 08).

E minha mãe, com a carroça, ela ia vender as coisas que meu pai trazia pra casa. (Informante 08).



Tradução Quadro 05: Interferências lexicais no campo semântico língua

Falava só o taliano nosso (...) e era tudo uma atrapalhação disgranhenta, né? (Informante 01).

(...) ah, você misturava em casa com o Talian, ah ela dava reguada (...) você começava a falar português e você misturava... ah ela dava reguada, reguada e aqueles outros (...) todos colegas, tirando os polacos e os poucos brasileiros, imagina? (Informante 01).

(...) ah, a sacola, a nossa pasta, nossa ah, e brigávamos em a casa pra pegar um pacote que tinha de arroz de cinco quilos que era plástico. Tinha um caderno, só um livro e um lápis e uma caneta- (...) depois você podia ir brincar, depois você podia ir brincar, e de segunda a sábado... era igual- igual aos grandes. (Informante 01).

Era braba! E apanhávamos porque tinha sempre a irmã C. a minha professora, com a régua lá (...) não de dar castigo, mas nos chamavam a atenção bastante, né? (...) ah, sim! Apanhava, ich! (...) a irmã C. Estudei um pouco com a irmã S. (Informante 03).

Meu pai e minha mãe falavam misturado, um pouco de tudo. Às vezes era uma questão assim, falava a metade em Português e a metade em Talian. (Informante 07).

E ele continuou a trocar de professoras e deu muito... e então deixamos pra lá. (Informante 07).

Recebido em: 22/10/2020 | Aprovado em: 19/12/2020.
